

Bresser exhibe a bancos apoio da AL

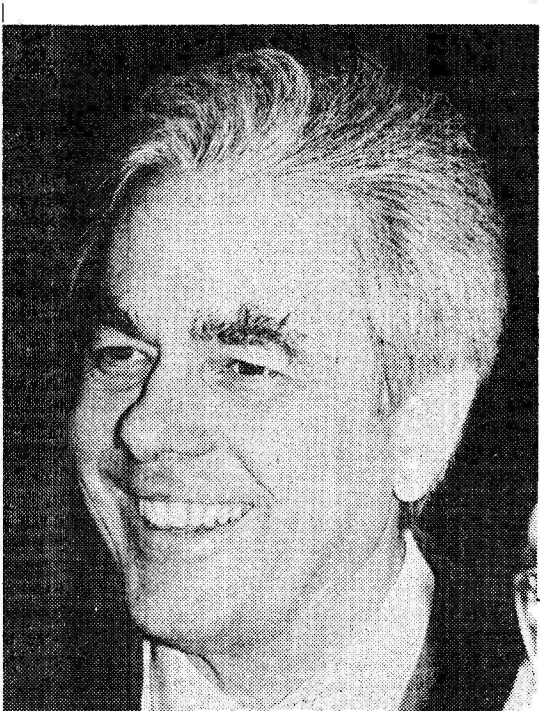
MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — O ministro Bresser Pereira trouxe uma lembrança de Acapulco para os banqueiros credores do Brasil: a versão em inglês do comunicado final dos oito presidentes, na qual várias posições brasileiras diante da dívida foram reforçadas.

A lembrança foi levada para os banqueiros pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e pelo assessor especial para as negociações, Fernão Bracher, depois de traduzida para o inglês pelo embaixador Rubem Barbosa e pelo porta-voz Francisco Baker, durante a manhã, nos escritórios de advocacia Arnold and Porter, em Nova York.

O ministro Bresser Pereira não se encontraria com nenhum banqueiro do comitê credor nem participaria da reabertura das negociações do acordo de longo prazo, tendo estendido sua viagem de Acapulco até Nova York apenas para fazer uma conferência, hoje, no Conselho das Américas, onde o comunicado de Acapulco estará também disponível.

O ministro disse ao **Estado** e ao **JT** que "o comunicado é muito importante", mas se negou a comentar sobre o que espera de sua distribuição, ou qual o impacto que poderia ter sobre as negociações. No saguão



21-10-87

Bracher: versão em inglês do comunicado

do hotel, ele elogiava uma frase do porta-voz do presidente uruguaio, publicada na edição de ontem do **New York Times**: "há um consenso sobre dois pontos: um é o de que a dívida tem que ser paga, e o outro é o de que a dívida não pode ser paga".

Um membro da delegação brasileira comentaria depois que um dos pontos do comunicado de Acapulco que mais impacto pode ter nos Estados Unidos, embora subestimado pela imprensa norte-americana, é o que

deixa entrever a possibilidade para a tomada de ações unilaterais, que poderiam ser apoiadas a nível continental. Os exemplos de unilateralidade dados foram a moratória brasileira e a retaliação dos Estados Unidos contra o Brasil, por causa da política de informática. E acrescentou:

"Esta é uma das armas de que dispõe o Brasil".

Um banqueiro do comitê credor reagiu ao comunicado de Acapulco, que leu nos jornais, antes de receber o comunicado final na íntegra, comentando ironicamente, que ele parece "mais dirigido aos próprios governos latino-americanos do que para os banqueiros". E acrescentou que a questão de Cuba acabou ofuscando a questão da dívida. O mesmo banqueiro ainda sugeriu que os países devedores enfrentem seus problemas, como o do déficit fiscal, "e não outros, imaginários".

Fernão Bracher, após almoçar com o ministro Bresser Pereira, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o embaixador do Brasil em Washington, Marclio Marques Moreira, saiu do Hotel Intercontinental para o primeiro de uma série de encontros com o comitê de bancos credores, ali perto. Quando a imprensa lhe perguntou se estava levando o comunicado de Acapulco, como antes tinha sido informado, ele riu, e respondeu:

"Vamos tornar disponível a eles o comunicado. Fizemos uma versão em inglês".

Bracher indicou que o Brasil vai pagar os US\$ 500 milhões do acordo provisório "quando os bancos acabarem de levantar a parte deles" — ou seja, US\$ 1,5 bilhão. "E isso deve ser para meados do mês."